



OS VALORES CULTURAIS NUMA VIA DE MÃO DUPLA: o caso da Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, em Vitória do Xingu - PA

Romero Ribeiro Barbosa
Universidade Estadual de Goiás

Maria Geralda de Almeida
Universidade Federal de Goiás

Resumo

O tema que se desenvolve neste diálogo refere-se às discussões no campo das vias de mão dupla nos desdobramentos sociais que acontecem em algumas das manifestações do catolicismo brasileiro trazendo para o debate as questões conflitantes (em alguns momentos) entre sagrado e profano na realização daquela referida manifestação. Nesse caso específico, situamos a Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos (que acontece desde 1979), Padroeira de Vitória do Xingu, localizada na região sudoeste do estado do Pará. A festa ocorreu entre os dias 18 e 28 de junho de 2013, neste pequeno município “vigiado” pelo rio Xingu, de onde a população – a maioria dos quatro mil moradores urbanos – sobrevive dos recursos pesqueiros e comércio aquático que o rio oferece, em face de sua abundância de água, diversidades de peixes e embarcações com variados produtos que saem e chegam em grandes, médias e pequenas embarcações que movimentam o Porto daquele município servindo a ele e outros daquela região.

Palavras-chave: Valores culturais, festa de N.S. Auxilio dos Cristãos, Vitória do Xingu.

CULTURAL VALUES IN HAND VIA DOUBLE: study case of Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, in Vitória do Xingu - PA

Abstract

The topic that develops this dialogue refers to discussions in the field of two-way in social developments taking place in some of the manifestations of Brazilian Catholicism bringing to the debate conflicting issues (at times) between sacred and profane in the realization that such statement. In this particular case, situate the Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos (held since 1979), the Padroeira de Vitória do Xingu, located in the southwestern region of Para state. The party took place between 18 and 28 June 2013, this small town "guarded" by the Xingu

river, where the population - most of the four thousand urban dwellers - survives of fishery resources and water trade that the river offers, due to its abundance of water, fish diversity and vessels with varied products leaving and arriving in large, medium and small boats that move the port city that served him and others that region.

Keywords: Cultural values, party of N.S. Auxílio dos Cristãos, Vitória do Xingu.

INTRODUÇÃO

O tema que se desenvolve neste diálogo refere-se às discussões no campo das vias de mão dupla nos desdobramentos sociais que acontecem em algumas das manifestações do catolicismo brasileiro trazendo para o debate as questões conflitantes (em alguns momentos) entre sagrado e profano na realização daquela referida manifestação. Nesse caso específico, situamos a Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos (que acontece desde 1979), Padroeira de Vitória do Xingu, localizada na região sudoeste do estado do Pará. A festa ocorreu entre os dias 18 e 28 de junho de 2013, neste pequeno município “vigiado” pelo rio Xingu, de onde a população – a maioria dos quatro mil moradores urbanos – sobrevive dos recursos pesqueiros e comércio aquático que o rio oferece, em face de sua abundância de água, diversidades de peixes e embarcações com variados produtos que saem e chegam em grandes, médias e pequenas embarcações que movimentam o Porto daquele município servindo a ele e outros daquela região.

Mas a economia do município de Vitória do Xingu se complementa também pela agropecuária, coleta de produtos naturais da Amazônia como o açaí, a castanha-do-pará, a graviola, o cupuaçu, dentre outros.

As festas populares também “acodem” a economia do município via presença de turistas de várias localidades do estado do Pará e de outros estados vizinhos, a exemplo do Maranhão, do Mato grosso e do Amazonas.

Dentre estas manifestações que se tornaram tradicionais está a festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos (padroeira do município), realizada no mês de maio; as festas juninas – que mais parece um espetáculo teatral, pelos enredos, alegorias, encenações – e o vitsol (festival de praia com diversas modalidades musicais, esportivas) no período em que o rio se encontra “pequeno”, nos dizeres da população local, durante quinze dias, no mês de novembro.

O que nos chamou a atenção e nos convidou para realizar esse diálogo entre sagrado e profano, visto por nós numa via de mão única, foi devido a um fato novo durante o acontecer da festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos: a proibição de danças e o consumo de bebidas alcoólicas na realização da festa, norma imposta pelo Padre da Paróquia do mesmo nome, Vicente Zambello. Esse fato, segundo informações do secretário de Turismo do município, Ivanilson Paixão, também prevaleceu na última festa (2014), onde mais de dez mil pessoas se fizeram presentes festa.

Alegando que os locais de dança e consumo de bebidas alcoólicas, aos arredores do salão paroquial onde acontecem as missas, as procissões, os bingos, os leilões (organizados pela igreja) não combinam com a manifestação religiosa, por atrair várias pessoas de outras localidades podendo gerações conflitantes como agressões

físicas e verbais, nas palavras do Padre, (naquilo que não concordamos e emitiremos nossas considerações no decorrer deste diálogo).

Cabe acrescentar que não se pretende, contudo, colocar “panos quentes” ao discutir o que é sagrado e o que é profano; o certo e o errado; tão pouco criar categorias de movimentos sociais no intuito de protestar contra uma atitude que julgamos arbitrária e equivocada por parte de quem as decide. Porém, preocupados, ao discutir valores culturais (cultura e tradição), o fato de os sujeitos perceberem que as decisões que brotam na essência de sua coletividade, serem assumidas por outrem.

Inicialmente, faremos uma breve leitura histórica e geográfica do município em questão (Vitória do Xingu) e, em seguida, uma pequena discussão pertinente aos significados dos aspectos culturais mediante uma abordagem sucinta acerca da categoria cultura. Tanto a cultura (ou a tradição) de massa, como a cultura popular.

A título de exemplo, um relato histórico acontecido numa festa de tradição popular a mais de 172 anos, traz para a discussão os territórios sagrados e profanos e suas interfaces com os valores culturais na realização das festas religiosas.

Vale ressaltar, enquanto justificativa de neutralidade de pesquisa, que o autor deste diálogo tem hábitos esporádicos pertinentes ao consumo de bebidas alcoólicas, muito raro também se diverte com os ritmos dançantes que permeiam os territórios das festas. Nem por isso sente-se no direito de não reconhecer que tais valores sociais sejam reverenciados, por brotar dos anseios da comunidade. Da vontade popular que o fez acontecer.

E mais: como, historicamente, na maioria da formação dos povos brasileiros “descobertos”, colonizados e catequizados pelos europeus, o autor foi criado em berço esplêndido do catolicismo.

VITÓRIA DO XINGU: HISTÓRIA, GEOGRAFIA, ECONOMIA E A IMPORTÂNCIA DO RIO XINGU

Considerando que o processo de descobertas e povoamento da região amazônica se deu na sua predominância pelos rios, Vitória do Xingu não sendo uma exceção, também deve os primórdios de sua ocupação e povoamento por decorrências das águas.

O município, localizado na região sudoeste do estado Pará, situa-se a uma latitude 02°52'48" sul e a uma longitude 52°00'36" oeste, estando a uma altitude de 0 metros. Sua população estimada em 2010 era de 13.431 habitantes sendo que destes, 4 mil são moradores urbanos e os demais em pequenas e médias propriedades rurais, na Possui uma área de 3.135,2 km. A história do surgimento do município data-se, inicialmente, do ano de 1750.

O primeiro europeu a pôr os pés naquelas terras indígenas, onde hoje está localizado Vitória do Xingu, foi o padre Alemão Roque Hunderpfund que, em 1750 com a ajuda dos índios xipaias e curuaias, abriu uma trilha para transpor a “Grande Volta” do Xingu (onde o rio Xingu faz um contorno numa espécie de um arco côncavo), onde fundou, um pouco acima de onde hoje é a cidade de

Altamira, a missão Tavaquara, que foi abandonada após a expulsão dos jesuítas portugueses do Brasil.

Em 1868 dois capuchinhos italianos, os frades Ludovico e Carmelo Mazzarino, ancoraram em Vitória do Xingu, pequeno povoado habitado por seringueiros, e com a ajuda dos índios xipaias e curuaias reabriram as picadas tomadas pela mata que haviam sido feitas outrora pelo padre Roque e sua comitiva. Essas picadas faziam a intermediação de Vitória com a parte a montante da Volta Grande do Xingu.

Por volta de 1875, no povoado de Vitória, já haviam se instalado alguns comerciantes que viviam da exploração da borracha feita por nordestinos que recebiam aviamento dos comerciantes e adentravam-se nas matas para a extração do látex. Foi nesse clima que o piauiense Coronel Gaioso pegou a empreitada de construir uma estrada que ligasse Vitória a Altamira com o intuito de ganharmuitodinheirocom o pedágio, pois aplicara muito dinheiro em empreendimentos financeiros e em escravos. Mas a abolição da escravidão deixou por terra seus planos de enriquecimento na região.

Em 1891 chegou ao Xingu o fazendeiro baiano Agrário Cavalcante, que, também visando a obtenção de lucros, concluiu a estrada que ainda faz a ligação de Vitória com Altamira (hoje, via de acesso pavimentada e importante impar na distribuição de produtos e mercadorias que saem e que chegam em Vitória do Xingu e outros municípios, a exemplo de Altamira, situado a 50 km do Porto de Vitória do Xingu).

De posse desses relatos históricos, podemos observar que a formação dos primeiros habitantes de Vitória do Xingu contou com contingentes de nordestinos, índios, negros e caboclos.

No final do século XIX, mais precisamente nos anos de 1883 e 1896, respectivamente, duas expedições estrangeiras percorreram o rio Xingu: a do naturalista alemão Karl VonDenSteinen e do cientista francês HenriCoudreau. Henri Coudreau, em seu livro intitulado "Voyage au Xingu", fez descrições detalhadas das três etapas obrigatórias da estrada. O pesquisador também percorreu a Estrada Pública Cachoeira-Ambé-Altamira.

Mesmo sendo decoberto e habitado por diferentes povos que vieram transformando e usufruindo de suas terras muito antes de outros municípios, este território prevaleceu por quase dois séculos de dependências e jurisdição de outras municipalidades.

Durante muito tempo Vitória do Xingu esteve ligado a comarca jurdica do município de Altamira (uma das maiores cidades da região sudoeste do estado do Pará).

O município de Vitória do Xingu foi desligado juridicamente de Altamira e teve sua emancipação política registrada em 1991. Com isso, suas fronteiras passaram a ter as seguintes delimitações geográficas: ao norte limite-se com Porto de Móz e Senador José Porfírio, ao sul e a oeste com Altamira e ao leste com Senador José Porfírio.

Apesar de a economia de Vitória do Xingu ter se solidificada com base na coleta de frutos tipos da região Amazônica, na agropecuária e extração de vegetais como

já exemplificamos acima, outras recursos vieram para o município bem como para Altamira, Senador José Porfírio, Anapu, Brasil Novo e Belo Monte.

A partir de 2011 deu início a Construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, sendo esta considerada a terceira maior do mundo, ficando atrás da Usina Hidrelétrica de Três garantas, na China e da Usina Hidrelétrica Binacional de Itaipu, localizada no Rio Paraná nas fronteiras de Brasil e Paraguai. No caso específico de Vitória do Xingu, o acordo feito com o consórcio Norte Energia, gestora da construção da hidrelétrica e executada pela CCBM (consórcio construtor de Belo Monte), há um repasse anual no valor de 80 milhões de reais para investimento no município, no tocante a saúde, educação, segurança e outras befeitorias de infraestrutura urbana da cidade.

Mesmo encontrando forte oposição de ambientlistas brasileiros e internacionais e de algumas comunidades indígenas, a construção da hidrelétrica de Belo Monte trouxe novas oportunidades de emprego para a população de Vitória do Xingu e os demais municípios mencionados acima. Até o momento a usina emprega mais de 20 mil trabalhadores diretos e indiretos, contando que, é evidente, a maioria da mão de obra veio de várias partes do Brasil. Contudo, o que a maioria da população, sobretudo de Vitória do Xingu, aprendeu a fazer (além da coleta de frutos típicos da Amazônia, da lida com a agropecuária) foi a prática da pesca. Essa é considerada uma de suas maiores tradições desde o período em a exploração do látex entrou em decadência enquanto produto de subsistência econômica, até meados da década de 1950.

Cada cidade da referida região tem sua própria colônia de pesca e faz uso da pesca no rio Xingu cada uma dentro de seu município. Em Vitória do Xingu existe a Colônia de pesca Z-12, fundada a mais de 50 anos. Conforme conversa com o Sr. Eremito Foseca, representante da colônia de pesca Z-12, e um dos mais antigos associados, há o registro de 2.800 associados que dependem exclusivamente do que é pescado no rio Xingu para sua subsistência.

Cabe ressaltar, historicamente, que a pesca no rio Xingu se estabeleceu em três patamares de tempo. Primeiro, ela surge de maneira artesanal com o intuito apenas de complementar o que se punha na cozinha do caboclo da região Amazônia. De artesanal ela passou a ser comercializada devido às modalidades de transportes que foram surgindo e que, gradativamente, colocou a região no circuito consumidor de outras áreas brasileiras e depois para outros países.

Na atualidade, os peixes retirados do rio Xingu não estão sendo suficientes para abastecer o mercado regional em função da grande demanda propalada pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Para se ter uma ideia, o kilo do filhote, um dos peixes preferidos pelos consumidores, custava cerca de 4,00 (quatro reais) antes do início da construção da usina. Hoje quase não se encontra aquela iguaria, e quando é encontrado, o preço varia de 13,00 a 16,00 o kilo. Lembrando ainda de que no período da desova (entre novembro e março), os associados da colônia de pescadores recebem uma quantia em dinheiro (em torno de 2.400,00) pelos próximos cinco meses em que não poderá praticar a pesca. Seja ela de subsistência (pouco praticada em função da demanda interna e externa), seja comercial.

Percebe-se, no entanto, que a prática da pesca no rio Xingu que antes era feita de maneira artesanal, uma cultura popular herdada dos atepassados indígenas e caboclas, está sendo apropriada pelas normas estabelecidas pelo mercado econômico que também chegou à região. Ou seja, o próprio povo que criou aquela tradição, repassando-a a seus predecessores de geração em geração, se vê obrigado a aceitar as imposições ditadas por normas estabelecidas fora do seu próprio lugar de vivência.

Dito de outra forma: a produção de valores simbólicos de uma determinada coletividade – cultura popular -, se vê “rendida” e conduzida por outrem – cultura de massa. Isso também, aos nossos olhos, está acontecendo na organização da festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, em Vitória do Xingu.

CULTURA POPULAR E CULTURA DE MASSA: PRODUÇÃO DE VALORES SIMBÓLICOS DA COLETIVIDADE

Discorrer acerca dos significados dos aspectos culturais e suas (re) existências num mundo moderno enviesado pelas ações globalitárias não é tarefa fácil. Isso por que os valores culturais enfonham o tempo e a vida dos sujeitos e, do mesmo modo, os definem como seres portadores de cultura. Cultura essa que não desaparece com as metamorfoses vividas pelos sujeitos dentro de cada momento histórico, inclusive no período atual da propalada modernidade.

Por isso, é necessário concordar com Chaveiro (2005, p. 53) de que “a modernização apesar de avassaladora e hegemônica não erradicou a tradição; e essa embora resistindo não se impõe. Mesmo que não se imponha, ora converge, ora conflita, ora se adapta aos novos signos modernizantes”.

Mas a cultura nasce com e para os indivíduos, da coletividade. Não há como abster deste constructo social. Nesse sentido, Almeida (2005), afirma que é pela cultura que as populações interagem com a natureza, fazem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular. Noutro momento, essa mesma autora reafirma que a cultura é uma rede tecida pelas sociedades, carregada de significados múltiplos que só podem ser decifrados quando inseridos em seu próprio devir histórico e social (ALMEIDA, 2008).

Portanto, não há nenhuma ação do sujeito como comer, andar, falar, beber, festejar, cantar, dançar, trabalhar, habitar, dormir, saber, rezar, etc. desprovido de uma ação cultural, no entendimento do Geógrafo Francês, *Paul Claval* (2008). Nesse sentido, todas as formas de manifestações culturais não precisam, necessariamente, ser entendidas. Contudo, elas devem ser refletidas.

A cultura, para os indivíduos, é provedora de um caráter ontológico: ela insere o ser no mundo a partir daquilo que, simbolicamente, lhes remete algum significado existencialista. Dito de outra forma, ela – a cultura - justifica o sentido da presença humana na superfície terrestre ou, “*L’homme et la terre*”, conforme a visão de cultura do Geógrafo Francês, *Eric Dardel* (1992).

Também, como dissera Chaveiro (2005) de que o homem é um animal simbólico, logo, toda ação que perpetua é mediada por símbolos, significados. Seja em forma de memória coletiva, de imagens, de saberes simples, de festividades ou de

outras formas que credenciam o indivíduo como mensageiro cultural. Logo, todos os indivíduos possuem cultura.

É importante perceber que cultura se confunde com tradição pelo caráter repetitivo, pelos valores simbólicos que permeiam a vida de uma sociedade, de uma coletividade. Portanto, onde quer que tenha indivíduos, há a ocorrência de manifestações de cultura e tradição.

A cultura e a tradição também são heranças e experiências adquiridas com o tempo, num determinado contexto social. Um esforço coletivo em prol do aprimoramento de valores espirituais e/ou materiais. Por essa razão é que afirmamos que a cultura, bem como a tradição não acaba nunca. Mesmo que, de alguma forma, ela não se manifeste, ela perdurará para sempre na vida dos sujeitos, como naco de memória coletiva. Fica a lembrança de um aprendizado. De uma experiência adquirida e repassada.

Dito de outra maneira, os estudos sobre cultura não devem levar em consideração um processo individual, mas experiências coletivizadas (BARBOSA, 2007 e 2008). Mas, de qual cultura se pretende abordar? Dessa pergunta motiva outra: qual é a mais viável definição da categoria cultura?

Inicialmente é preciso partir de um fato, pautado no entendimento antropológico e filosófico de cultura: ela tem um conceito polissêmico e, portanto, pode ser compreendida como o comportamento apreendido e ensinado (tradições) - em vez de instintivo - entendida como cultura popular.

Assim, com base na Filosofia, o homem faz e age com relação à cultura, mas também pensa e reflete sobre o sentido de tudo no mundo, como também a capacidade humana para gerar comportamento (cognitivo). Nesse caso, a cultura é entendida como sistema de padrões de comportamento, de modos de organização econômica e política de tecnologia (poder-se-ia dizer cultura de massa).

Daí devemos perguntar: quais são as apropriações da cultura popular no atual período?

Penso que há duas apropriações: uma com a vertente gerida pela globalização econômica e mundial onde se percebe a espetacularização e a mercantilização dos saberes simples, pela apropriação das festas populares: as festas de tradição religiosa: Sérios de Nazaré, em Belém; São Benedito de Gurupá e a Festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, em Gurupá e Vitória do Xingu, ambas no estado do Pará.

E ainda, a Romaria do Divino Pai Eterno, em Trindade; a Romaria de Nossa Senhora do Muquém, em Niquelândia; a procissão do Fogaréu de Pirenópolis; as Congadas de Catalão; o *Rally* de Jegues de Turvânia, todas no estado de Goiás; a Romaria de Aparecida do Norte, em São Paulo; a temporada do Vitsol e as festas juninas em Vitória do Xingu, também no estado Pará, dentre outras.

Há outra vertente que a vê como substância da existência que consente a (re) resistência (BARBOSA, 2008). Ou seja, há formas de manifestações culturais que, mesmo sendo de categoria popular que se torna de massa, resisti para não perder seu caráter identitário, por que esse é exatamente o fator que a faz existir. Ou, dito de outra maneira, como afirmara Almeida (2007): a identidade adquire feições de resistências.

Assim, a proibição de atos de certa forma considerado profanos – tal como o consumo de bebidas, por exemplo - por parte de alguns seguimentos, sobretudo o religioso, coloca em discussão uma dúvida: se a tradição, mesmo recebendo influências externas no período moderno, é justamente entendida como tal por ser identitária, como então falar em valores enquanto herança e experiência?

E mais: quaisquer formas de interferências no caráter cultural ou tradicional de uma comunidade, a nosso ver, não deveriam estar em consonância com uma vontade popular por meio de consultas à própria comunidade? Ou ainda, a própria comunidade que fez surgir a manifestação não seria autônoma o suficiente para justificar a mudança (ou não) de suas representações culturais?

É por esses e outros aspectos culturais, cultivados no seio de uma comunidade, é que entendemos que qualquer forma abrupta de mudanças de paradigmas de valores tradicionais, se não for modificado com um consentimento popular, pode ser visto como uma maneira de negar a tradição. E pior ainda: essa maneira arbitrária e pouco convencional no plano de intervenção cultural pode vir a enfraquecer/ abalar ou mesmo comprometer sistematicamente com a manifestação de alguns valores culturais ou mesmo tradicionais de determinada população.

O exemplo a seguir serve-nos como um pano de fundo para realçar o que acabamos de afirmar.

TERRITÓRIOS SAGRADOS VERSUS TERRITÓRIOS PROFANOS: MANIFESTAÇÕES OPOSTAS QUE SE COMPLEMENTAM NA REALIZAÇÃO DA CULTURA/TRADIÇÃO

Para discorrer acerca desses dois lados que fazem a festa acontecer (o sagrado e o profano), convém, a título de exemplificação, situar um fato (entre tantos outros em nossa pesquisa) que marcou, naquele instante, a continuidade ou não de uma tradição. No município goiano de Trindade, situado a 20 km da capital, Goiânia, dava-se início a Festa da Romaria do Divino Pai Eterno. Esse era o ano de 1840.

Sobre o relato histórico dessa Romaria, Coelho (2003) afirma que a festa se iniciou na primeira semana do mês de julho, a partir do instante em que foi encontrado um medalhão de barro contendo a Santíssima Trindade. Considerada uma das mais representativas festas do catolicismo popular no Brasil, nela há os que pagam promessas, os que comercializam, os que têm a tradição de desfilar com os carros de bois e os que procuram se divertir.

Ou seja, contemplar o lado lúdico das festas que ocorre dentro da festa. Importante acrescentar, com base nas pesquisas realizadas por Coelho, um fator de muita relevância: naquele ano de realização de sua pesquisa ficou constatado que mais de 70% (setenta por cento) do público que estavam presentes nos sete dias de realização da Romaria, não tinham o intuito de devoção ao Divino Pai Eterno, cumprimento de promessas ou outras maneiras de comprovação sagrada em louvor ao padroeiro daquela cidade.

A grande maioria (e vejo que ainda permanece assim) gostava (gosta) de se sentir incluída na festa. Viver a festa. O que torna estranho, todavia é que a igreja nunca reclamou do que auferia com a realização da festa. Todos tinham (como ainda o

tem) um objetivo com o acontecer da festa e, não se trata de surpresa para nós, todos ganham com a festa! Não vejo mal nenhum nisso! Não é a vontade do povo que deve ser respeitada? Creio que pelo que pude observar a festa de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, em Vitória do Xingu, no estado do Pará, realizada no mês de maio, não me parece uma exceção, se comparada a outras festas de igual tradição, a exemplo da realizada em Trindade.

A tentativa de exclusão dos desejos carnais entendidas como profanas (danças, jogos de azar, bares que serviam os mais variados tipos de bebidas) do território da festa, por iniciativa da igreja, já no quarto ano em que acontecia a festa, causou certa contrariedade às pessoas ligadas direta e indiretamente à Romaria.

A festa em Trindade, para retomarmos o exemplo citado, em dois acontecimentos viu seu público reduzir de maneira brusca por conta da adoção de tais medidas. Naquele embate entre a permanência ou não do profano ante o espaço do religioso, o Bispo de Trindade foi afastado e a manutenção da essência tradicional da festa fez prevalecer. A festa já se tornara uma tradição e hoje, 172 anos de sua manifestação inicial, é apontada como uma das maiores festas de tradição do catolicismo brasileiro, recebendo mais um milhão de pessoas no mês de julho de 2013, época de sua manifestação.

Convém destacar que em se tratando de tradição pode até sofrer interferência, sobretudo dada as inovações nos processos tecnológicos (comunicação, divulgação, mudanças nos padrões de vestimentas, etc.).

O que, na verdade, para nós, pode ser temerário é mudar/interferir/deturpar a forma de expressão do lado tradicional da manifestação, sem o consentimento, principalmente da população local. Essa falta de consenso pode provocar um impacto social por estar lidando com um dos valores mais preciosos que o indivíduo construiu ao longo da sua construção enquanto ser: a cultura e a tradição.

É importante lembrar de que dependendo dos fatores de intervenção em uma determinada manifestação, eles podem até mesmo ser vitais para que a tradição não acabe, como nos exemplos mencionados acima. Mesmo por que a festa deve ser aberta ao povo: gente que se identifica como devoto; gente que quer pagar promessas; gente que quer vender alguma coisa a outras gentes; gente que quer beber; gente que quer dançar; gente que quer tentar “arrumar” gente; gente que quer apenas ver outras gentes; turistas (como no nosso caso); pesquisadores (idem), etc.

Portanto, percebe-se que muitos vêm na festa, também, oportunidade de negócios, diversão, entre tantas diversidades de motivos.

A festa é do povo. E foi exatamente a presença do próprio povo que fez com ela viesse a existir. Não há o que (re) inventar padrões de comportamentos uma vez que o comportamento já é o padrão.

Ora, o povo que participa de uma manifestação, quaisquer que seja religiosa ou não, nem sempre têm uma predestinação a cumprir promessas religiosas. Contudo, não se pode afirmar que são pecadores, ateus, descrentes ou outras denominações, no meu entendimento, preconceituosas. O povo é a festa e a festa é a ressonância oriunda da manifestação de um povo.

Se beber, dançar, cantar nas cercanias de uma manifestação religiosa pode ser considerado um pecado às leis estabelecidas pelas normas do sagrado, então a alegria e a vontade de um povo está sendo cerceada por parâmetros arcaicos que não mais se coadunam com os tempos ditos modernos e, mais ainda, uma forma de ruptura com a cultura e a tradição.

Por outro lado, bebedeiras, brigas, confusões e outras formas de exposição de violência são acontecimentos (lamentáveis, é certo) em qualquer estrutura social: nos estádios de futebol, no trânsito caótico de cidades médias e grandes, na perpetuação do tráfico de drogas, dentre outros espaços apropriados pela sociedade. Mas isso é um problema de segurança ou mesmo de saúde pública que deve ser combatidos pelo estado e não por decisões eclesiásticas. De uma maneira ou de outra, o consumo de bebidas, as danças ou outros atos de profanidades, bem como de atos de violência circulam nos arredores da festa. Não acredito ser o fato crucial na organização festiva.

Nem todas as pessoas que vão às festas são portadoras de instintos violentos. Eles querem se divertir, como muitos que ali estão. O fato é que, a tradição, seja ela qual for, não deve sofrer interferência nas suas formas de acontecer, por que senão ela deixa de atender os anseios de uma sociedade que a viu nascer daquela maneira.

De maneira contrária, ela deixa de ser manifestada na sua forma cognitiva e passa a ser realizada conforme a vontade de alguns segmentos que a vê segundo sua ótica e não com os olhares de quem a fez surgir. No caso a sociedade que a instituiu.

PARA NÃO CONCLUIR...

Pensando, definitivamente, em não concluir o assunto que aqui se propôs inicialmente, acerca de valores culturais, tradição, sagrado e profano, o trabalho chega ao seu momento de pausa no movimento das ideias. Com isso, espera-se que o mesmo possa contribuir com outros vieses teóricos que por ventura venha discutir assuntos de pertinência similar.

Se isso for conseguido, o autor tece agradecimentos, porém, não se ostenta do direito de celebrar o feito alcançado. Isso por que, o mesmo estará convencido de que seu papel de pesquisador, de Geógrafo, de Historiador e com estudos também na Filosofia e no teatro não fez mais que manifestar seu “grito” social, em prol da manifestação dos valores culturais que, no caso da festa realizada em Vitória do Xingu, tomou uma via de mão dupla.

E a função social do professor (a) /pesquisador (a) /escritor (a) /intelectual exige que tenhamos um esforço de síntese que ultrapasse os limites da imaginação – e às vezes da razão.

Isso o tornará um inventor, um sonhador, e, em última análise, um escultor da palavra através dos tempos e dos espaços, dada a sua visão de mundo pejada de olhares dotados de criticidade. Até aí, nada de novo há para se exaltar. E creio que não deva haver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras de visões de mundo e de identidade territoriais – o território plural do Norte Goiano-Brasil. Livro: *Nuevasmigraciones y mobilidades...nuevos territorios*. BéatrizNates Cruz & Manuel Uribe (Coordenadores). Centro Editorial Universidad de Caldas – Colômbia, 2007.

_____. Manifestações culturais: uma abordagem geográfica para a valorização e gestão patrimonial das paisagens culturais. Projeto de Pesquisa, IESA/UFG, 2008.

_____. Fronteira, territórios e territorialidades. Revista da ANPEGE. Ano 2, n. 2. Fortaleza: 2005.103-114.

BARBOSA, Romero Ribeiro. Os caminhos de Goiás: das primeiras expedições às potencialidades turísticas atuais. VIII ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA. Cidade de Goiás, 2003. Anais: A geografia no mundo da diversidade. Cidade de Goiás, 2003b. CdRoom.

_____. Rali de jegues de Turvânia – GO: a refuncionalização da paisagem para o lazer e turismo no Mato-Grosso Goiano. Dissertação de Mestrado em Geografia, Goiânia, UFG, 2007.

_____. Antigas tradições e novas temporalidades: as (re) existências culturais festivas nos municípios da antiga região do Mato Grosso Goiano. Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao IESA/UFG, 2008.

_____. Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida/ Organizadores Maria Geralda de Almeida, Eguimar Felício Chaveiro, Helaine da Costa Braga. – Goiânia, UFG, 2008.

_____. Tempos e movimentos: uma breve digressão cultural dos carros de bois no território goiano. Organizador Eguimar Felício Chaveiro e Márcia Pelá. – Goiânia, UFG, 2011.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Traços, linhas e matriz para a compreensão de um Goiás profundo. In CHAVEIRO, Eguimar Felício. A captura do território Goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 2005.

CLAVAL, Paul. A contribuição Francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. Livro: Introdução à geografia cultural / Roberto Lobato Corrêa, ZenyRosendahl (organizadores).- 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 224p.

_____. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: Mendonça, F. & KOZEL, S. (orgs.), Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba, Ed. Da UFPR, 2002. P. 11-43.

COELHO, Tito Oliveira. O comércio varejista periódico no tempo-espaço da festa do Divino Pai Eterno em Trindade. 2003.p. 145. Dissertação de Mestrado em Geografia. Goiânia, IESA/UFG, 2003.

Sites consultados:

www.tvbelomonte.com.br

www.brasil.gov.br sobre energia.

www.facebook.com/belomoteoficial.

www.noticiasdacidade.org/noticias/vitoria-do-xingu-pa.

[Blogbelomonte.com.br/tag/vitória-do-xingu-pa](http://Blogbelomonte.com.br/tag/vit%C3%B3ria-do-xingu-pa)

ⁱ O homem na terra

Contato com o autor: Zromeroribeiro@bol.com.br

Recebido em: 13/12/2014

Aprovado em: 09/11/2015